ARTE, ARTESÃOS XAKRIABÁ E OS MEIOS DE COMERCIALIZAÇÃO[1]

ART, XAKRIABÁ ARTISANS AND THE WAYS OF COMMERCIALIZATION

Daniele Predi Xakriabá [2]

Resumo: Dentre as muitas artes Xakriabá, neste trabalho pesquiso a arte da cerâmica. Descrevo o que é um artesanato para um artesão Xakriabá e qual o valor e o que cada peça representa simbolicamente. Analiso a formação, as técnicas de confecção e o desenvolvimento do artesanato. Pretendo identificar as mudanças trazidas pela tecnologia na confecção das peças e identificar como funciona a comercialização com lucros e desvantagens. A preservação da cultura também é fundamental, pois um povo sem cultura e sem língua é um povo sem identidade cultural. Esse trabalho tem como referência os relatos orais de artesões Xakriabá e é resultado de pesquisa realizada na formação intercultural de professores indígenas, no Núcleo Takinahakỹ, na UFG.
Palavras-chave: Artesanato; Comercialização; Identidade Cultural; Xakriabá.

Abstract: Among the many Xakriabá arts, in this work, I research the art of ceramics. I describe what a craft is for a Xakriabá artisan and what the value and what each piece symbolically represents. I analyze the formation and the techniques of confection and the development of the craft; I intend to identify the changes brought about by technology in the making of the pieces and to identify how commercialization works with profits and disadvantages. The preservation of culture is also fundamental, since a people without culture and without language are people without cultural identity. This work is based on oral reports with Xakriabá artisans and is the result of research carried out in the intercultural training of indigenous teachers, at the Takinahakỹ Center, at UFG.
Keywords: Commercialization; Crafts; Cultural Identity; Xakriabá.

O ARTESANATO

De acordo com Kopytoff (2010), o artesanato não deve ser produzido e considerado como uma coisa, mas sim como determinada coisa. Sendo assim que começou minha ideia de conhecer o significado culturalmente construído, em outros termos seria a biografia do objeto.

Quando se trata do artesanato indígena ele já tem uma característica daquele povo e, ao olhar, você já consegue imaginar a qual povo pertence aquele artesanato.

[1] Este trabalho é resultado do Projeto Extraescolar 'Arte, artesãos Xakriabá e os meios de comercialização', sob orientação da Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva.
[2] Graduada pelo curso de licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás - UFG, Brasil.

Como a cultura que vai se renovando a cada ano que passa, ele também, podemos dizer, vai se recriando e surgem novas técnicas e novas fórmulas de sua confecção.

O artesanato não envolve apenas um objeto em si, pois carrega consigo uma dádiva a qual, dependendo, dinheiro algum pode comprar. Ele vem cercado de conhecimentos passados de geração a geração.

Podemos caracterizar, ou seja, definir o artesanato como um símbolo de valor, pois a partir de quando se começa a confeccionar um artesanato, ali envolve uma série de trocas de saberes que são únicos. Somente na hora de confeccionar são trocados esses saberes. Resumindo, ele é um aprendizado. Já para Gell (2001), o instrumento de arte não precisa ser considerado exclusivo, pois ele pode ter vários sentidos e valor.

Os objetos artesanalmente confeccionados mais conhecidos e procurados no Território Xakriabá são os feitos de ossos, de madeira e a cerâmica. A madeira é usada para confeccionar objetos artesanais, tais como colheres de pau, colares, apitos de imitar pássaros, gamelas, arco e flecha, carroção de boi em miniatura, cachimbos, animaizinhos para enfeite etc. O osso também é matéria-prima que se usa para fazer pulseiras, colares, anéis e bolsas. Estes são objetos que identificam nosso povo. Também tem a cerâmica Xakriabá, a partir do barro, onde se fazem panelas, potes, copos e bules e xícaras e enfeites domésticos.

Vários tipos de sementes são usados para fazer colares, pulseiras e bolsas. Também estão sendo utilizadas miçangas compradas na cidade para fazer esses mesmos objetos. Com o coco, os Xakriabá fazem anéis, cachimbos e colares.

Eles utilizam dois tipos de palha: a do milho e da fibra de bananeira utilizadas para produzir uma variedade de objetos, como por exemplo bornal (bolsa), esteiras, enfeites para ornamentar algum lugar específico quando se tem festa tradicional. A taboa[3] (*Thyphadomingensis*) para fazer esteiras.

Antigamente, as cabaças eram usadas para armazenar água potável e para guardar mel; atualmente ela é pintada e serve como enfeite. O miolo de buriti é usado para fazer animais em miniatura para enfeites domésticos. A confecção de cocar e brincos de penas formam um conjunto de arte plumária Xakriabá.

As arapucas são feitas para pegar passarinho e são objetos apenas de uso do nosso povo.

Os talos de bambu são reaproveitados para fazer peneira e flautas. No nosso povo atualmente, apenas o meu pai, Somori, faz esse tipo de objetos.

Os objetos destinados ao comércio e também de uso dos Xakriabá são os brincos de penas, pulseiras de ossos e miçangas, colares de semente e de ossos. As peças feitas de

[3] Segundo o dicionário Michaellis Online (2018), tabua ou taboa é a "Denominação comum às plantas herbáceas do gênero Typha, da família das tifáceas, que vegeta em terrenos pantanosos de todo o mundo, geralmente de hastes flexíveis, folhas lineares e flores dispostas em espigas". Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tabua/>. Acesso em: 28 abr. 2018.

barro e madeira igualmente são comercializadas e são usadas também em nosso cotidiano.

Também temos adornos que não podemos comercializar porque são do nosso uso em ocasiões de grande respeito. São eles, o maracá, a borduna, as saias femininas e os sutiãs feitos da fibra do embiruçu4 da barriguda ou da fibra da banana5. Quem tem o seu adorno de uso próprio, não pode emprestá-lo ou vendê-lo.

CERÂMICA

Existem trocas de ideias com pessoas que entendem do assunto e assim dá uma motivação maior de continuar trabalhando com o barro (Professor Nei Leite).

Na aldeia Barreiro Preto tem um projeto feito pela Casa de Cultura de cerâmica Xakriabá. As duas fotos abaixo foram tiradas na Casa de Cultura, na aldeia Sumaré.

"Do barro são feitas várias coisas", ressaltou dona Alzira Nunes de Sousa, "alguns barros dependendo da cor e da textura são de outras aldeias, mas na aldeia Sumaré também tem". (Entrevista realizada dia 15 de março de 2018, na Aldeia Sumaré, Terra Indígena Xakriabá).

Quando criança, a Sra. Alzira aprendeu com a tia e começou fazendo animaizinhos, mas não os queimava.

Quando ela começou a trabalhar na escola, ela começou a produzir peças maiores. Ela e o marido começaram a fazer telhas e depois tiveram a ideia de fazer panelas e outras coisas. Seus pais sobreviviam com peças que eles produziam.

Foto 1 – Bonecos de Barro feitos por Dona Alzira



[4] Tipo de uma seda.

[5] Quando conseguimos de seda de buriti também fazemos essas vestimentas, mas é mais raro.

Foto 2 – Panelas de Barro, Dona Alzira

A construção dos fornos nas aldeias para a queima do barro, foi um projeto criado através de um morador da aldeia Sumaré para começar a fazer oficinas de artesanato chamado Casa de Cultura, mas em algumas casas já tinha forno.

O professor e artesão Nei Leite, da aldeia Barreiro, meu principal informante na pesquisa sobre o barro e a cerâmica, aprendeu com a mãe e a tia. Ele é um dos artesões mais procurados na região, pois seu trabalho é muito bem feito e atualmente já é reconhecido até mesmo fora do município. Ele confecciona as peças ao lado de sua própria casa, onde tem uma casa pequena destinada somente para o fabrico das peças e para as oficinas. Ele traz os alunos para lá, pois na escola a carga horária não permite devido ao



tempo curto, levando-os até a casa dele, eles aprendem melhor a fazer a cerâmica.

A importância do artesanato para ele é valorizar o resgate e não deixar perder a técnica e o conhecimento dessa arte. Ele acha que não pode ficar só na memória dos velhos e a confecção da cerâmica está sendo uma retomada, ou seja, revitalização para fortalecer a cultura e um meio de sustentabilidade. Aquelas famílias que não têm uma renda procuram um meio através do artesanato. Assim diz Nei: "O artesanato ele leva a uma pessoa a conhecer sobre nossa cultura". (Entrevista realizada dia 22 de agosto de 2018 na Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá).

O interessante é que ele aprendeu novas técnicas e algumas outras que só antigamente se fazia, foram resgatadas. Ele faz por encomendas, mas também faz para estoque; ultimamente que está fazendo, os pedidos estão aumentando, ele contou durante uma conversa que tivemos. Segundo ele, as pessoas compram mais para presentear alguém ou para lembrancinhas.

A maioria dos compradores é da própria região. Através do Parque do Peruaçu estão aparecendo turistas para comprar. A primeira peça que ele fez tem grande valor simbólico e ele não vende, pois envolve a técnica dos antigos Xakriabá que foi revitalizada. Ele contou que antes existia um costume de quebrar a panela quando a última filha se casava; os pais punham algumas coisas dentro da panela que era colocada na cabeça da noiva. Depois, aquele pote era quebrado e cada um pegava objetos que estavam dentro do pote. Nos casamentos, os noivos eram presenteados com uma panela de barro ou algo que depois eles poderiam utilizar.

A peça de barro mais representativa como uma peça Xakriabá é o pote de barro, usado desde antes até os dias de hoje. Antigamente tinham pessoas que até enfeitavam seus potes para colocar água, mas os potes ainda são muito utilizados.

O professor Nei já trabalhava com o barro, mas se interessou ainda mais depois de sua pesquisa de conclusão do curso de licenciatura intercultural (UFMG) sobre a cerâmica. A partir daí ele se apaixonou pela arte, relatou ele. O interessante é que aprendeu técnicas que eram feitas apenas antigamente. "Quanto mais vou aprendendo vou me aperfeiçoando", disse o professor Nei, durante uma conversa que tivemos. (Entrevista realizada dia 22 de agosto de 2018 na Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá).

Além dele, a mulher dele também faz cerâmica. Ela, a mãe e a tia dele hoje têm um grupo de mulheres que trabalham com o barro na própria aldeia.

Segundo ele, um bom ceramista é aquele que sabe todo o processo do barro desde quando vai ao mato pegar o barro próprio e começa a preparação do barro até a finalização de sua peça.

Ele comercializa sua arte na própria casa, com sua mulher. Os dois já tem cartões de contatos onde pessoas pegam e ligam encomendando. Quando eles levam as peças para vender em outros lugares o preço sobe, pois envolve mais gastos para o deslocamento e prejuízos podem acontecer.

Segundo Ivani Leite, a mulher de Nei, ainda não dá para sobreviver só do artesanato do barro, porque não é sempre que vendem, tem mês que sai bastante, mas tem mês que não sai quase nada. Já fez troca de suas peças por outros tipos de artesanato. O casal também dá peças como recompensa para alguém que faz um trabalho ou um favor para eles, aí eles dão como forma de agradecer. Ele contou que "teve uma vez que troquei com um relógio de parede bem grande". (Entrevista realizada dia 22 de agosto de 2018 na Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá).

O tempo para fazer depende de cada peça. Por exemplo, para modelar uma sopeira, o trabalho gira em torno de uns vinte minutos. Depois tem que esperar secar, fazer as raspagens tirando o excesso de barro, secar um ou dois dias, passar a mucunã (semente) para deixar a peça polida, bem lisinha e brilhando.

Antigamente existia uma queima tradicional a céu aberto, agora revitalizada, mas quase ninguém conhece direito, segundo o professor Nei.

As imagens abaixo são das peças que o professor confecciona em sua pequena lojinha na sua casa. Todas as peças das imagens estão queimadas.

Foto 3 – Bule de Barro



Vemos um bule na imagem 3, feito por Nei de barro, em cima de um prato de barro, pintado com uma pintura que é usada só para pintar objetos. A tinta é de toá que é um tipo de barro que fica dentro do subsolo da terra em forma de umas pequenas pedras. Dele se faz a tinta. Esse bule é utilizado para servir bebida ou uma peça para ornamentar a casa. Por medida de aproximadamente 20 cm. Podemos observar na imagem 4, panelas de barro, confeccionados por Ivani, esposa de Nei. Segundo ela, essa peça não vai ao fogo para utilizar-se. Mede cerca de 40 cm.

Foto 4 – Panelas de Barro



Foto 5 – Bule com xícaras de barro



Foto 6 – Moringa zoomorfa



A imagem 5 representa um bule com as xícaras por cima de um prato, todos são de barro. Essas peças têm por finalidade o uso doméstico. Uma onça representa a imagem 6, pintada com toá vermelho e amarelo, mede aproximadamente 40 cm. Essa peça é uma moringa serve para colocar água para beber.

Foto 7 – Moringa



Foto 8 – Peça cerâmica em forma de galinha e dentro uma figura feminina com jarro na mão



A peça da foto 7 é uma moringa, pintada com uma pintura corporal com tinta de toá e com a tampa em forma de uma fruta com traços de maçã. A imagem 8 é uma peça para guardar objetos de pequenos portes. Podemos ver como exemplo a representação de uma mulher dentro dela. A mulher está moldada e está simbolizando que está moldando um pote. As duas peças servem para enfeites. Pintados com toá e tinta de roupa.

Foto 9 – Tartaruga de Barro

Foto 10– Paca



A tartaruga representada na imagem 9 está por cima de um tipo de prato quadrado para firmar a tartaruga por cima, é utilizada como um enfeite de coisa, ela mede aproximadamente 40 cm. A baixo dela, dá para identificar uma peça de animal com características de uma paca pintada com toá. É um enfeite doméstico. Em frente, uma pequena metade de um animal, sua largura é de cerca de 15 centímetros. Atrás, ao lado esquerdo, podemos ver um tatu e ao lado direito a mesma peça da tartaruga perto do tatu.

Foto 11 – Tatu de Barro



Foto 12 – Bule de Barro



Podemos identificar na imagem 12 um bule com a pintura de objetos, mede cerca de 25 cm, usa para servir bebidas.

Foto 13 – Caçador, em barro



Um caçador moldado de barro é a imagem 13. Atrás dele não conseguimos ver, mas ele carrega consigo nas costas um caça, pintado também com toá preto e branco, com 30 cm de altura. Ela é uma peça decorativa. A peça da imagem 14, Nei relatou que fez assemelhando em uma peça de origem afro. Podemos perceber as características bem fortes dos traços africanos e ela serve para enfeite.

Foto 14 – Peça com elementos africanos



Foto 15 – Sopeiras pequenas



Foto 16 – Moringas em miniatura



Logo de instante dá para notar que a imagem 15 são sopeiras com aproximadamente 20 cm de largura e 15 cm de diâmetro. Com pinturas de tinta de toá branco, utiliza-se para servir alimentos. Na imagem 16 vemos pequenas moringas pintadas de toá com pinturas de objetos, com aproximadamente 18 cm de comprimento. Essas moringas são encomendadas para formaturas como forma de lembrancinhas.

TÉCNICA DE CERÂMICA

Durante a minha entrevista, o professor Nei me ofereceu uma oficina de cerâmica para que eu me aprofundasse mais no meu trabalho. Não pensei duas vezes e já marquei o dia em que eu retornaria para começarmos, nesse momento ele percebeu o meu interesse.

O primeiro dia da oficina foi em 22 de agosto de 2018, onde cheguei na casa dele e já fui colocando a mão na massa. No início fiquei meio receosa pois não sabia por onde começar. Ivani Leite, a mulher de Nei, foi explicando como eu deveria fazer, aí fiquei mais à vontade e, nesse dia, com sua ajuda consegui até modelar uma pequena botija. Percebi que, para fazer uma peça de barro, é como fazer um bolo, no sentido de pegar, preparar, fazer o acabamento e a queima, ou seja, há começo, meio e fim.

Para ser um ceramista tem que apenas gostar de mexer com o barro, pois a partir do momento que você se entregar, terá mais disposição em fazer suas peças.

No segundo dia, Nei me levou ao fundo da casa dele onde pega o barro para fazer as peças cerâmicas. É preciso saber qual é o barro próprio: o de lugar mais fundo é o mais apropriado, pois não poder ter raízes e nem outras coisas misturadas. Primeira tira, depois pega, amassa e peneira. Quando sobrar na peneira, amassa de novo no pilão e deixa guardado uns dias. É importante saber a lua certa.

Para retirar o barro não é complicado, porém não pode ser somente em um lugar para não formar uma cratera, a pessoa tem que saber tirar o barro bom para ser considerada uma ceramista. Enfim, ele me explicou como é esse processo todo.

Foto 17 – Sopeira sendo moldada, 2018



Depois voltei a fazer minhas peças, fiz três sopeiras, sendo elas o conjunto. Fiquei admirada, pois fui rápida, nunca tinha mexido com isso antes, já brinquei quando criança, pegando barro de minha avó que era uma boa ceramista. Ao fazer essas peças fiquei refletindo bastante, ali podemos expressar os sentimentos, para que elas fiquem de acordo como pensamos, posso dizer que a cerâmica é um meio de terapia, porque quando estamos fazendo nos distraímos muito.O terceiro dia foi de dar o acabamento. Comecei raspando com a esteca que é uma ferramenta usada para modelar.

Para quem é prático e acostumado não sente nada, mas quem não tem costume, sente dor nos braços e nas mãos. Percebi que mexendo com o barro, as horas passam e nem percebemos, quanto mais estamos concentrados, mais dá vontade de continuarmos.

Conforme a imagem 17, analisamos que a peça está sendo dada os acabamentos finais, em cima dela tem uma ferramenta que é a esteca que é utilizada para dar acabamentos na peça. Ela tem, provavelmente, 10 cm.

Agora descrevo como se faz algumas peças, como, por exemplo: sopeiras. Se usa a técnica de amassar o barro usando duas ripas, uma de um lado e a outra do outro, e algum pano embaixo. Coloca-se o barro, vem com mais um pano, em seguida amassa com o cabo do rodo, rolando por cima das ripas como se fosse um pão. Pega outra vasilha para servir de molde, logo embrulha a peça em uma sacolinha plástica, aí essa massa encapa a panela, depois começa a passar o cartão telefônico modelando; molha um pouco a peça para não ficar seca e, com o mesmo cartão, corta os lugares que estão sobrando barro até se acertar e vai ficando modeladinha.

Foto 18 – Técnica de preparo



Foto 19 – Ferramentas para modelar



Foto 20 – Barro já amassado para moldar



Depois de passar o mucunã, alisa a peça com a sacolinha para dar um lustre bom, assim ela terá mais brilho. Quando terminar de fazer isso a peça estará pronta para queimar, mas tem que esperar alguns dias para secar totalmente, se tiver interesse em fazer alguma pintura, desenho ou qualquer tipo de escrita fica à disposição da pessoa. Lembrando que isso deve ser feito antes das peças serem queimadas.

Abaixo estão as fotos da oficina em que participei utilizando as técnicas mencionadas:

Foto 21 – Pote em miniatura, 2018



Durante minha oficina com Nei modelei um pequeno pote conforme a imagem 21, notamos uma diferença nele, da metade para cima está sem passar a mucunã e da metade para baixo está passado a mucunã. Ao olharmos já percebemos ao seu lado uma bolinha sendo ela semente de mucunã que é útil para o lustre da peça.

Foto 22 – À esquerda, o molde azul e, ao fundo, a sopeira moldada



Na foto 22 vemos duas vasilhas uma de plástico e a outra de barro, a de cor azul é usada como se fosse um molde e vem com o barro e coloca por cima dela, modelando o barro até ficar como a outra que está por baixo. Mede cerca de 25 cm de largura e 15 cm de altura.

Foto 23 – Peças antes de passar a mucunã



Observamos a peça da imagem (23) da esquerda está sendo moldada e a peça molde está por baixo, em seguida o ceramista vai acertando a peça com a própria mão para que ela fique de acordo a que está em baixo. Quando ela estiver firme, ele retira (direita) e deixa ela para secar por cerca de umas 3 horas até quando ela estiver boa para dar os acabamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal informação obtida no meu trabalho e que eu mesma me surpreendi, foi com a variedade de artesanato que existe hoje no meu povo e a importância tão grande que tem para os Xakriabá sobre essas peças confeccionadas. Neste trabalho eu me concentrei em descrever sobre a arte da cerâmica, mas há a confecção de arco e flecha, maracá, anéis, pulseiras, colares, bolsas, esteiras de muitos materiais que

encontramos no território, como madeira, ossos de animais, penas, sementes e muitos outros.

Descobri também a questão da comercialização, se hoje atualmente tem como sobreviver somente com o comércio dessas peças confeccionadas, percebi que não, pois principalmente a região não favorece muito devido não ser uma região grande em questão do comércio, pois é uma cidade pequena do interior, a qual indígena ou não indígena, todos não têm uma boa condição financeira.

Hoje o sistema de comercialização aumentou muito após o dinheiro ter entrado no nosso meio e, com isso, nosso povo deixou o sistema de troca de lado e começou a negociar, ou seja, comercializava através dos artesanatos que vendia em troca de dinheiro para conseguir outras "coisas".

Antigamente não existia comercialização entre os povos indígenas; esse sistema era conhecido e feito através de trocas, quando uma pessoa tinha algo que a outra não tinha, eles negociavam e então acontecia a troca.

Mas, com o passar dos anos, o contato com o não indígena foi aumentando e a partir daí então que foi aparecendo a troca em forma de comércio, pois para os indígenas irem até a cidade, lá os brancos não aceitavam os objetos dos índios em forma de troca, então foi quando eles conheceram o valor monetário que é do dinheiro e começaram a comercializar para poder também serem consumidores de coisas que precisavam no seu dia a dia.

Existem povos que têm sua renda e conseguem sobreviver através do artesanato, mas os Xakriabá são diferentes, pois os artesãos que comercializam, seja na aldeia ou fora dela, não conseguem ter uma renda fixa e sim um meio de ter uma renda extra, um dinheirinho que ajuda.

O artesanato para os Xakriabá é algo que representa nossa identidade, diz quem somos. E isso é importante, pois devido essa importância temos que valorizar, ou seja, preservar para nunca acabar. Não considero que possa haver impacto, pois essa pesquisa ela faz enriquecer nossas práticas sobre nossa cultura. Acredito que com essa pesquisa muitos professores Xakriabá podem trabalhar com ela ensinando aos seus alunos sobre nossa própria realidade.

A sociedade não indígena pode aprender, com minha pesquisa, que um artesanato não é apenas um objeto, mas sim um objeto que vem cercado de conhecimentos e dependendo são representados como um objeto que envolve uma dádiva a qual dependendo dinheiro nenhum pode comprar. Concluo minha pesquisa ressaltando a importância e o verdadeiro sentido do que é um artesanato para um artesão Xakriabá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GELL, Alfred. *A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas*. Revista do Programa de Pós-Graduação e Artes Visuais, p. 175-191, 2001.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Org.). *A vida social das coisas*: *as mercadorias sob uma perspectiva cultural.* Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 89-123.

LEITE, Ivani. [Entrevista concedida a] Daniele Predi Xakriabá. Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá. 22 de agosto de 2018.

LEITE, Nei. [Entrevista concedida a] Daniele Predi Xakriabá. Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá. 22 de agosto de 2018.

MICHAELLIS ONLINE. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tabua/>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SOUSA, Alzira Leite de. [Entrevista concedida a] Daniele Predi Xakriabá. Aldeia Sumaré, Terra Indígena Xakriabá. 15 de março de 2018.

*Todas as imagens neste artigo foram tiradas pela própria autora, Daniele Predi Xakriabá em 2018.